

Seguros de saúde cobrem cada vez mais terapêuticas como acupunctura e homeopatia

A seguradora Multicare anunciou esta semana a criação "do primeiro seguro" que junta à parte de medicina convencional a cobertura de terapêuticas não convencionais, como a acupunctura e a homeopatia. Mas as empresas concorrentes AdvanceCare e Médis lembram que também oferecem este tipo de serviços.

A área continua por regulamentar, mas o mercado está a responder "a uma procura cada vez maior", refere o comunicado da Multicare. A Federação de Medicinas Não Convencionais aponta para 3,5 milhões de consumidores e 12 mil profissionais.

A Multicare - a líder do mercado em seguros de saúde - anunciou esta semana a venda de um produto com "coberturas pioneiras em Portugal", com consultas e tratamentos em áreas como a acupunctura, homeopatia, osteopatia, quiropráxia e naturopatia.

"Já não é um produto inovador no mercado nacional", nota Ester Leotte, directora de comunicação da AdvanceCare, empresa que gere seguros de saúde de nove seguradoras, que diz que desde 2006 têm disponível a chamada Rede de Bem-Estar, onde se integram terapêuticas não convencionais. Todas as clientes da AdvanceCare (Tranquilidade, Açoreana, BES, Vitória, AXA, MGEN, Generali, Lusitânia e Popular) criaram seguros diferentes com aquelas valências. Também a Médis responde que tem acordo com 127 prestadores de acupunctura e 62 de osteopatia. Não têm um seguro concreto, mas todos os seus clientes têm descontos até 20 por cento nestas valências, "sem custos acrescidos".

O mercado dos seguros de saúde é liderado pela Multicare, AdvanceCare e Médis - as três têm 84 por cento

da quota de mercado, segundo a Associação Portuguesa de Seguradores. O sector de seguros em geral decresceu de 2009 para 2010. A excepção foram os seguros de saúde que, mesmo assim, cresceram menos do que nos anos anteriores: 3,5 por cento, face a 9,6 por cento de 2007 a 2008.

Manuel Branco, presidente da assembleia da Federação de Medicinas Não Convencionais, nota que as seguradoras estão a responder a um mercado crescente (3,5 milhões de pessoas), com 12 mil profissionais a exercer as seis terapêuticas não convencionais reconhecidas pela lei portuguesa desde 2003: a acupunctura, a quiropráxia, a naturopatia, a fitoterapia, a homeopatia e a osteopatia.

A lei que enquadra as terapêuticas não convencionais previa um prazo máximo de 180 dias para a sua regulamentação. Cerca de oito anos depois, porém, não há fim à vista para o processo. A discussão pública decorreu entre Abril e Junho de 2008.

"Portugal está a seguir o caminho de outros países, em que, antes de o Estado regulamentar o sector, as seguradoras responderam ao mercado", nota Manuel Branco. Pedro Choy, presidente da Associação de Profissionais de Acupunctura, nota que "nos Estados Unidos, as seguradoras tiveram um papel essencial na regulamentação das medicinas não convencionais". Já em Portugal, lamenta, "está previsto que a regulamentação não aconteça". "A culpa", diz, "é dos lobbies poderosos que perderiam dinheiro, os médicos e as farmacêuticas." Choy afirma que a generalização de terapêuticas não convencionais reduziria "de forma drástica o consumo de medicamentos", nomeadamente em áreas como os reumatismos e as enxaquecas. "Seria mais barato para o Estado", afirma, sublinhando que a Organização Mundial de Saúde recomenda a sua integração no Sistema Nacional de Saúde.

Jornal Público - 03.04.2011 - Por Catarina Gomes